

Criação, técnica e metalinguagem: o olhar de Zoom

Zoom é, antes de qualquer crítica, uma experiência de cinema. E mais importante do que isso, é uma experimentação no cinema nacional, uma novidade no formato para os espectadores já acostumados com o tradicional, mas ainda criativo, filme original brasileiro. O projeto de Pedro Morelli, seu primeiro longa-metragem solo, lançado no Brasil em março de 2016, pode apontar para novas tendências na direção do cinema. O jovem diretor de 30 anos chama a atenção e deixa sua marca em Zoom, fazendo parte de uma geração inspirada na inovação e renovação dos modelos.

A metalinguagem em Zoom é óbvia e pode ser percebida em diversos níveis do filme, convidando o espectador a constantemente questionar a realidade e estimular um senso de julgamento sobre a estética da obra. O desenvolvimento é marcado por propositais clichês, ironizando o grande cinema internacional já fortemente reconhecido por sua fórmula. Desde o machismo na indústria cinematográfica até a dramaticidade e romantismo em cenas de resgate em helicóptero, que funciona como uma referência ao filme dentro do maior filme, o diretor não conta nenhuma história original a não ser a própria sátira. O título da obra ganha portanto o significado de aproximação ao objeto principal, o cinema, além de ser um meio de demonstrar o aprofundamento dentro do mesmo.

O longa se resume à ligação de três linhas narrativas distintas. Emma busca satisfação com a própria aparência enquanto escreve a história de Edward, um cineasta que tenta convencer seus produtores a fugir dos padrões de Hollywood filmando uma personagem chamada Michelle, esta por sua vez uma modelo que pretende provar seu talento escrevendo um romance sobre Emma, a mesma do início da trama. Zoom revela esta estratégia ainda no desenvolvimento, servindo como anti-clímax e criando um looping em torno dele mesmo que prontamente destrói qualquer ideia de início ou fim. Seria a desconstrução de um modo linear de interpretação, em que até três momentos são interligados enquanto o próprio observador toma consciência de que tudo apresentado é uma obra de ficção. Uma referência a Charlie Kaufman, roteirista de Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças, é evidente na tênue separação entre a ficção e a realidade, ou seja, na percepção do espectador de estar imerso em uma obra imaginária.

Pedro Morelli não mistura apenas as narrativas, mas também as formas de se contar uma história. A produção dividida entre Canadá e Brasil utiliza, não à toa, técnicas distintas, locações variadas e atores de países diferentes para cada momento do filme, dando uma identidade específica para as personagens. O formato da história de Emma, interpretada por Alison Pill, muito se aproxima das produções independentes norte-americanas, com cenário praticamente único e fotografia obscura. No caso de Edward, personagem do mexicano Gael García Bernal, todo seu enredo foi contado por meio de rotoscopia, entrando no universo da história em quadrinho. Já a sequência de Michelle volta para o padrão *live-action* e é contada por Mariana Ximenes, que alterna entre os idiomas português e inglês mas apresenta na tela características do cinema brasileiro. Esta sobreposição de linguagens insere uma curiosa variedade de interpretações, ao mesmo tempo em que a principal mensagem que deve ser captada é a própria metalinguagem, em que o filme recebe naturalmente o destaque maior.

As obras brasileiras recentes têm sido reconhecidas por seu conteúdo, com uma expressiva qualidade de roteiro e abordagem de fortes questões sociais. Anna Muylaert recobra um tom crítico

enquanto Kleber Mendonça Filho apresenta tensão entre poderes. Por outro lado, o iniciante Pedro Morelli busca experimentar com a linguagem em um terreno ainda pouco explorado pelos brasileiros. Neste caso, Zoom pode pecar na construção de uma narrativa complexa e inteligente, caindo na simplicidade, mas tem uma forte apresentação de formato e apreensão de enredo.